ÚLTIMOS RETOQUES NO PRESÉPIO FAMILIAR

(Foto SAN PAYO)

Obra das Mães pela Educação Nacional
MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA
Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina—Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal — Telefone n.º 4 6134 — Editora, Maria Joana Mendes Leal.
Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Trav. da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa
BOLETIM MENSAL — PREÇO AVULSO 1$00 — ASSINATURA AO ANO 12$00

SUMÁRIO

MEDITAÇÃO DO NATAL

CONTRA A MEDIOCRIDADE

OS escuteiros católicos têm no seu devocionário esta oração:

— «Senhor Jesus: ensinai-me a ser generoso — a servir-vos como mereceis, a dar sem medida, a combater sem olhar a feridas, a trabalhar sem mira no repouso, a gastar-me sem outra recompensa a não ser esta de saber que cumpro a vossa santa vontade.»

Todos os anos vem Cristo neste seu Natal a tornar sempre mais possível a verdade desta prece que só podem resar lábios juvenis.

Ninguém nunca O acompanhou sequer de longe na generosidade ardente de uma imolação que foi de Belém ao Calvário, ou, mais certo: do céu à cruz — ao sangue, à morte.

Tudo e sempre: audácias divinas.

Mas onde melhor nos sabe contemplá-lo, para lhe pedirmos que nos ensine a divina mística da Audácia é ali, onde nasceu...

E é vêr aquilo tudo à roda d'Êle, para ali nascido, entre espanto e espanto das coisas e dos homens que lá foram em peregrinação...

Audácia. — Audácia.

Todos abalavam de ao pé d'Êle a comentar: como é possível que seja Deus, aquêle Menino, assim tão abandonado, nêste tempo em que as gentes vivem entre molezas e bagatelas?!...

Contraste flagrante era aquêle, naquêle tempo: arrôjo divino a vencer a pequenês e a mediocridade do viver e do pensar.

* * *

O problema máximo de hoje volta a ser êste mesmo:

vidas moles...
vidas sem ideal...
vidas pequeninas...

Estão nos altares os velhos ídolos:

dinheiro e prazer...
vaidades de bric-à-brac...
gloriolas e mentiras...
viver sem elevação e sem aspirações.

A lição do Natal é então esta: ensinar-nos a reagir contra isto tudo. Combater de frente e destemidamente:

os sem-Ideal...
os que arrastam a vida...
os que sacrificam à bagatela e à bugiganga...
os que não olham para cima...
os gozadores...

* * *

Já morreu o Papa Pio XI — que em Natais seguidos mandou ao Mundo esta Mensagem:

«Dou graças a Deus por ter nascido num tempo em que não é dado a ninguém ser mediocre».

Os que apostaram fazer esta batalha vão agora ao Presépio e enchem ali os olhos e os ouvidos, o coração e a alma a ver bem como foi possível, e é ainda possível, a gente não se deixar arrastar pela onda da mediocridade que promete avassalar as almas.

Lá iremos, nós, filiadas, como quem deseja enrijecer o coração para os densos combates a travar dentro de nós e fora de nós.

Primeiro, dentro de nós mesmas: não aceitar em pensamento ou em desejo ser ou ficar algum momento mediocre.

Depois, à nossa volta: dar combate a tôda e qualquer mediocridade, venha ela de onde vier.

Reagir. Reagir. Reagir.

Mais: ambicionar a cada instante uma vida bela de audácia, uma vida grande — e assim educar as almas a não consentirem nunca com nenhuma cobardia, nem demissão espiritual.

A lição do Presépio:
não ser mediocre!

G. A.

«... entre o espanto dos homens que lá foram em peregrinação»

ANTÓNIO FERREIRA — PRESÉPIO DA MADRE DEUS
(Museu das Janelas Verdes)

Os madeiros ardem no adro da igreja

NATAL BEIRÃO

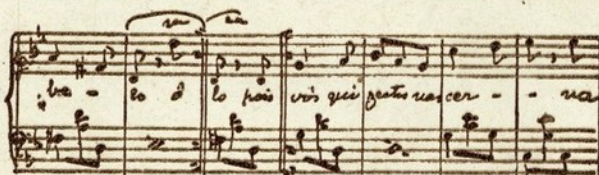
MISSA DO GALO ★ MADEIRO ★ ADORAÇÃO DOS PASTORES ★ CONFUSÃO DAS PORTAS

pelo DR. JAIME LOPES DIAS

SEMPRE se encheram e ainda hoje, na Beira Baixa, as igrejas são pequenas para abrigarem todos os fieis que, na Noite do Natal, assistem à *missa do galo* ou da *meia noite*, nas localidades onde ela ainda é permitida.

Embora patinando lama e encharcando os pés nas mal reparadas ruas das pobres e desconfortáveis povoações ou arrostando com temporal desfeito, chuva inclemente ou nevão enregelante, dado o primeiro sinal para a missa, as famílias começam, aos grupos, alumiados pelas lanternas de azeite ou por lumieiros de palha, a caminhar para a igreja matriz.

E não faltam os pequeninos, as crianças que, na ânsia de beijarem o Menino, de verem o presépio, as vaquinhas e demais figurantes que o sr. Vigário guarda de ano para ano, fazem esfôrço grande para resistirem ao sono e suportam de boa mente o frio.

Homens e rapazes já descriados, êsses caminham aos magotes para junto dos madeiros que ardem, em obediência a velha tradição, no adro da igreja. O pároco, à meia noite em ponto, sobe ao altar ornamentado com fartas cabeleiras de trigo grelado, e depois de explicar como Deus se fez homem e veio à terra para nos ensinar como, todos, devemos amar-nos irmãmente, dá o Menino a beijar.

O grupo que habitualmente dirige os cânticos nas solenidades religiosas, começa:

Ó meu Menino Jesus,
Ó meu Menino tão belo,
Logo vieste a nascer
Na noite do caramelo.

E o povo repete em côro a mesma quadra.

E o grupo coral continua, sempre repetido pelo povo:

Ó meu Menino Jesus,
Convosco é que eu estou bem,
Nada dêste mundo quero
Nada me parece bem.

Sobem, igreja acima guiados por uma lanterna (a estrêla de que fala a tradição)

Ó meu Menino Jesus,
Vinde à face da igreja,
Que vos quero dar um beijo
Onde tôdo o mundo veja.

Entrai pastores, entrai
Por êsses portais a dentro,
Vinde a adorar o Menino
No seu Santo Nascimento.

Alegrem-se o Céu e a terra,
Cantemos com alegria,
Que já nasceu o Menino
Filho da Virgem Maria.

Todos os filhos dos ricos
Dormem com lençóis doirados (em leito doirado)
Só vós meu Menino
Numas palhinhas deitado.

Todos os filhos dos ricos
Têm belos travesseiros
Só vós, meu Menino,
Preso a êsse madeiro.

«Pouco mais tenho pr'a vos dar do que umas tristes castanhas»

De quem são as
camisinhas
Que a Senhora está a
lavar?
São do Menino Jesus
Qu'inda está por
baptisar.

quadras que, segundo o sábio Dr. José Leite de Vasconcelos, devem fazer parte de velho romance.

A debandada começa à medida que o beijar do Menino prossegue e todos se dirigem para suas casas onde vão encontrar lautas ceias no conchêgo de bem instaladas residências, e outros... não terão mais do que pão sêco ou mal acompanhado com pobres condutos.

✱

Na Madeirã e outras povoações do concelho de Oleiros, remeniscência de velhas representações de autos pastoris, terminada a missa e antes de começar o beijar do Menino, sobem, igreja acima, guiados por uma lanterna (a estrêla de que fala a tradição) um por cada vez, pastores com sua indumentária própria, safões, manta, sarrão, etc., a oferecerem mimos ao Menino Jesus e a recitarem, de improviso, quadras com alusões ao Natal, à Sagrada Família, às próprias ofertas e a costumes locais.

Algumas para exemplificação:

Ó meu Menino Jesus
Ó meu Menino adorado,
Aqui tendes a visita
Dos pobres pastores de gado.

Oh estrêla luminosa
Meus passos alumia
Que eu venho visitar
O filho da Virgem Maria.

Ó meu Menino Jesus,
Estou muito admirado
De vos ver, com tanto frio,
Nessas palhinhas deitado.

Aqui vos trago, meu Menino,
Dentro do meu sarrão,
Uma garrafa de vinho
Que m'a deu o meu patrão.

Ó meu Menino Jesus,
Ó meu Deus verdadeiro,
Foram-se os lôbos ao gado
E levaram-me um cordeiro.

Ó meu Menino Jesus,
Eu vivo numas montanhas,
Pouco mais tenho pr'a vos dar
Do que umas tristes castanhas.

Ó meu Menino Jesus,
Trago-vos vinho Moscatel
Bem sei que não é pr'a vós
Mas pr'ó Sr. Padre Manuel.

Esta vida de pastor
É custosa de levar,
Se não tira o gado a horas
O patrão começa a ralhar.

Se acontece sairem-se mal da improvisação, dizem quadras como estas:

Entrei pela porta principal
Por ela quero sair,
De nada me importa
Que esta gente se esteja a rir.

Ó meu Menino Jesus,
Não me posso demorar,
Prá ano se tiver saúde,
Cá tornarei a voltar.

Terminada a representação, o povo entôa, em côro:

Bendito e louvado seja
O Menino Jesus nascido
No ventre da Virgem Maria
Nove meses andou escondido.

e no adro, entre alegria esfusiante e comentários à representação, os pastores tocam os pífaros, e os moços de lavoura os harmónios.

★

Em Benquerença (Penamacor), onde se não celebra a missa do galo mas se queima o madeiro e fazem filhós durante o ciclo do Natal, grupos de rapazes e de raparigas andam, ao dar da meia noite, de 31 de Dezembro, pelas ruas da povoação, com pratos cheios de farinha, a desenharem cruzes, ramos e outros ornatos nas portas das casas para perpetuarem velha tradição, remeniscência da seguinte lenda, tão cristã, que todos sabem, e assim contam:

«Pela Judeia correu a notícia do nascimento de um menino que se dizia filho de Deus.

Herodes ordenou que o procurassem e o trouxessem à sua presença.

Partiram emissários que debalde percorreram, durante dias, montes e vales.

Um deles conseguiu descobrir o paradeiro da Sagrada Família, apressou-se a procurar os companheiros e, não fôsse perder o sítio exacto da casa, atirou com uma porção de farinha à porta.

Como se calcula, todos os esbirros ficaram satisfeitos com a notícia que o companheiro lhes levou, e dirigiram-se para o local.

No adro, os pastores tocam os pífaros

Entretanto deu a meia noite, e quando tinham como certo o cumprimento da sua missão, milagre de Deus, todas as portas apareceram enfarinhadas!

Confundidos e atemorisados, os perseguidores de Jesus, deixaram Belém. Obra de Deus! Obra de Deus!

Bendito e louvado seja para todo o sempre!»

Rapazes e raparigas de Benquerença, chova ou neve, haja temporal ou corra tempo amoroso, lá andam, de porta em porta e de rua em rua, na noite de 31 de Dezembro, a praticar o formosissimo costume que perpetua o facto de, há mil e tantos anos, Herodes ter perseguido inùtilmente o Menino Jesus, por se ter operado o milagre da *Confusão das portas*.

Bem pode dizer-se que, com o raiar do dia 25 de Dezembro, a gente das Beiras, que quer ao Menino Jesus, do fundo do coração, com amor sem limites, mixto de divino e de pagão, acorda mais satisfeita e contente, e mais cristã.

Não há coração, por mais endurecido, que, depois do sonho lindo que todos os anos se repete: *missa do galo, madeiro, adoração dos pastores* e *confusão das portas*, se não sinta na obrigação de prometer ser melhor e de seguir com maior devoção a doutrina da bondade e amor prègada ou instituída por Jesus Cristo o maior dos homens.

Grupos de rapazes e de raparigas andam, ao dar da meia-noite, a enfarinhar as portas

BOLAS DE SABÃO

(Grav. de F. A. David)

Bolas de sabão

Parece-me que não haverá ninguém que não tenha feito, em criança, bolas de sabão; e até, já mais crescidas, gostamos de fazê-las!

Uma pinga de água, onde se desfaz um pouco de sabão, assoprada na ponta duma palha ou de qualquer outro tubo fininho, produz uma bola levíssima e multiculor que se despega e sobe, mas cuja existência é efémera. São lindas as bolas de sabão! Brilham nelas tôdas as cores do arco-íres. São como pequeninos mundos de maravilha que nascessem da varinha mágica duma fada. Se nunca fizeste uma bola de sabão, experimenta! Repara como cresce ao sôpro da tua própria respiração... larga-a... lá vai! Que linda! Mas tem cuidado, não te caia nos olhos ao rebentar: far-te-ia chorar! Essa tua criação maravilhosa não passa dum pouco de água com sabão...

....

São bolas de sabão muitos dos nossos sonhos, sem mais consistência nem mais duração de que a dêsse brinquedo infantil. E quantas vezes, ao desfazerem-se, nos fazem chorar! E's nova. Gostas de sonhar, como outrora gostavas de fazer bolas de sabão. E' natural. Os sonhos são as bolas de sabão da mocidade. Não serias rapariga se não sonhasses. Mas eu desejaria que os teus sonhos, irizados como bolas de sabão, nunca te custassem lágrimas ao dissiparem-se. Para evitá-lo, nunca faças bolas de sabão de vaidade. Olha que estoiram sempre essas bolas, porque a vaidade nunca pára de inchar! Nunca faças bolas de sabão de amores culpados. Tem cuidado, porque poderá acontecer que o teu próprio coração te estale de dor!

Não faças bolas de sabão de ambições desmedidas. Quanto mais ambicionares, mais perto estarás de ver desfeitas as tuas bolas de sabão! Não faças bolas de sabão de felicidades imaginárias. Vive de realidades, se não queres ter grandes desilusões. Mas hás-de, então, proïbir-te todos os sonhos? Não. Vou ensinar-te a fazer "bolas" que não rebentam e sobem até ao céu. Fá-las de fé, de esperança e de caridade, e com o sôpro criador do espírito de Deus que anima a tua alma, atira para o alto as "bolas" dos teus sonhos. Vê como são belas essas "bolas"! Brilha nelas a alegria, tinge-as de côres maravilhosas o amor, e, quanto mais sobem, mais ligeiras se tornam, e quanto maiores, mais sólidas são! Não tenhas medo de as seguires com os olhos! Repara: os anjos recolhem-nas uma-a-uma e Nossa Senhora oferece-as ao Menino Jesus para brincar. Está próximo o Natal. Faz subir para o ceu as "bolas" coloridas dos teus bons desejos, dos teus actos de amor, dos teus sacrifícios. Faz tôdas essas bolas a sonhar o mais lindo sonho — a tua santidade! E o Menino Jesus há-de sorrir-te ao brincar com as tuas "bolas", lindas como as bolas de sabão, mas que nas suas mãos divinas se tornam pérolas enormes, da côr da aurora!

Maria Joana Mendes Leal

A BURRINHA DO PRESÉPIO

CONTO DO NATAL

de D. JOÃO DA CAMARA

De orelha fita, olhar muito manso... De que côr seria? Branca não podia ser, porque branca era a malhinha que lhe cintilava na testa.

Era loira, muito loira. E aproximava o focinho ao corpo da criancinha, e bafejava-a.

Encantava-a o côro dos anjos que vinham desde o céu, descendo nos raios de oiro de uma estrêla tão viva, tão reluzente como ela nunca vira outra. Chegara a cavalgada dos Reis Magos, rinchavam os cavalos e, pelas ventas muito abertas, lançavam baforadas que eram como jactos de fumo.

E era tanto o oiro no presépio, que tudo parecia iluminado por pedacinhos de estrêlas. O cheiro da mirra e do incenso era uma delicia.

O menino tremia de frio nas palhinhas, e a burrinha foi-se aproximando mais e mais, e, bafejando-o, olhava-lhe com ternura infinita para os cabel nhos, loiros como espigas já maduras, que lhe ondulavam na testa d'ele, tão pura e tão branca; e os olhos do menino já a fecharem-se pareciam dizer-lhe que ela era linda e que êle havia de recompensá-la. A boquinha sorria, as mãozinhas já não eram tão rôxas, e os anjos cantavam sempre: Glòria in excelsis!

Foram uns dias alegres que grandes aflições haviam de um dia, breve, vir perturbar. O sobrôlho de S. José franziu-se ao receber as más novas, e os olhos puríssimos da Virgem sombreou-os um susto tamanho, que até pareceu que ao presépio tinha diminuido a claridade.

A gente não sabe o que póde pensar uma burrinha; mas também ela parecia triste. Ela que tinha ouvido os anjos a cantar, estremecia agora quando escutava os brados angustiosos, os gritos desesperados das mãis a quem Herodes mandava matar os filhinhos. E foi cheia de ternura que sentiu no dorso o pêso dulcíssimo da Senhora com o menino ao colo, e se pôs a caminho pelo deserto fóra. S. José conduzia-a com a haste de uma açucena e caminhavam pelas areias. Às horas de sol descançavam à sombra duma palmeira e bebiam a água fresca das cisternas. De noite, a burrinha tremia tôda ouvindo os uivos das hienas.

Mas o céu era cheio de estrêlas que luziam tão dôces, tão dôces, que bem mostravam que o céu era por êles.

E a burrinha adormecia, e tantos os perfumes que a rodeavam que não sentia fome nem sêde e sonhava que lhe enchiam a mangedoira e lhe davam rações de mel em que trabalhavam abêlhas de oiro.

Chegaram, depois, junto a um mar de uma côr que ela nunca vira; ainda andaram uns dias e afinal descançaram.

S. José desfranziu o sobrôlho, e a primeira vez que Nossa Senhora sorriu foi como se uma madrugada nascesse ao despontar de um novo sol.

Jesus fazia-lhe festas e a burrinha baixava muito a cabeça para lhe sentir os dedinhos côr de rosa na malha branca da testa.

E ouvia-lhe a voz muito dôce que lhe prometia um prémio.

Já muito velha, tão velha que outra não havia da idade dela, tôda branca e já trôpega, em Jerusalém, lembrava-se às vezes dêsse tempo, das barbas muito brancas de S. José, da Virgem que era tão leve que parecia que sempre a soerguiam os braços de dois anjos, e daquele Menino, que havia de ter crescido, que havia de ser um homem. E ela, muito branca, muito vèlhinha; e todos se admiravam, porque tinha na testa uma malha de oiro que era onde o Menino lhe fazia festas.

Um dia fôram buscá-la, ajaezaram-na com os mais preciosos arreios, escovaram-na, pentearam-na e levaram-na para as portas da cidade. Dali a pouco, entrava em Jerusalém entre exclamações do povo, pelo caminho todo atapetado de palmas verdes.

E logo adivinhou quem transportava e lhe era pêso tão doce que bem percebeu que outra vez dois anjos caminhavam ao lado dela. Até lhes sentiu a aragem perfumada do bater lento das azas.

Fitou as orelhas, alegrou-se, achou novamente o choutosinho da mocidade e, orgulhosa, contente, atravessou com Cristo a cidade. Choravam de alegres as mulheres, os homens erguiam os braços, gritando, e corriam atrás dela.

E ela pensava: — «Quem pode montar numa burrinha para assim fazer uma entrada triunfal? Porque me escolheram a mim e não foram a um general romano pedir-lhe um cavalo de combate? Porque preferiram a minha humildade ao garbo guerreiro de um ginete poderoso?!» E, de quando em quando, sentia no pescoço a mão terna que a afagava e cujos dedos eram tão suaves como os daquela criança que um dia ela levára para o Egipto.

O coração pulava-lhe contente no peito. E nessa mesma noite morreu, ouvindo, esmorecida numa recordação, outro canto de triunfo que o povo entoava: o Glória in excelsis daquela noite do presépio...

Já não viu as trevas que cobriram a terra quando o véu no templo se rasgou; não ouviu o grito dum peito despedaçado no cimo do Calvário, nem as cantigas dos soldados ébrios, nem os prantos das mulheres.

Era na primavera: enterraram-na num campo de lirios.

Presépio da Madre de Deus — FUGA PARA O EGIPTO — *(Museu das Janelas Verdes)*

Presentes de Natal

UMA das coisas mais agradáveis que se podem fazer é dar presentes... sobretudo quando se tem a certeza que vão ser apreciados. Mas para isso é necessário pensarmos neles uns instantes e não nos precipitarmos sôbre a primeira coisa que nos cai debaixo da vista ou que nos vem à ideia... Para quê dar uma borla de pó de arroz a quem não a usa ou um dedal a quem não cose? Pensemos uns momentos e façamos uma lista... as minhas listas são sempre objecto de muitas brincadeiras por parte da família, mas... não sei viver sem elas! Consegue-se assim arrumar muito as ideias e não esquecer ninguém. Dum lado escrevo os nomes e do outro o que tenciono dar. Vou pondo uma cruz adiante dos que vou tendo prontos e guardo todos os presentes numa gaveta fechada à chave. A maior graça das ofertas de Natal, já todos sabem, é serem misteriosas... Ser tudo feito às escondidas e surgirem esplendorosas no dia próprio! Embrulhadas em papel de seda, fitas de côres e, sendo possível, atando também uma flôr, a emprestar ao embrulho, ainda sem personalidade, a delicadesa e formosura que traduzem os nossos sentimentos de afecto. Vão aqui umas sugestões que espero agradem. E' pena a página ser pequena porque ainda tinha ideias aproveitáveis. Mas talvez estas lembrem outras...

Barco Moliceiro dum tamanho próprio para poder ser posto em cima da mesa com velas enfeitadas, como se vê em promessas. Dá um aspecto muito festivo à mesa de Natal

Cinto muito elegante feito em camurça de dois tons ou em pano setim forte. Pode mudar inteiramente o tom sombrio dum vestido

Moldura bordada em ponto de cruz em linho grosso. Deve ter esta quadra bordada à roda do centro:

Dizem que «longe da vista
Longe do coração». Decerto.
Mas as saüdades são olhos
Que fazem do longe perto

Piúgas de lã, feitas à mão. Aquecem e estão à moda. Tanto agradarão aos homens como às creanças

Cesto vulgar, mas que se doira inteiramente. As palhas das frutas também devem ser doiradas. Com laranjas ou maçãs muito encarnadas, fica lindo!

Candeeiro feito d'uma pinha, doirada ou pintada de côr. O «Abat-jour» pode ter escrito em letra, género eluminura:

«Qual é coisa qual é ela
Do tamanho duma abelha
Que enche a casa até à telha?»

Lenço em crepe georgete mas no género popular. Além de quatro ramalhetes borda-se-lhe esta quadra:

Abre êste lenço e verás
Quatro ramos «floridos»
E lá dentro encontrarás
Nossos corações unidos!

Tarro alentejano que pode servir para tanta coisa! E na decoração do qual se pode dar largas à imaginação

Dezenhos de Maria da Conceição Lopes

FRANCISCA DE ASSIS

O SIGNIFICADO DO NATAL

por BERTHA LEITE

Natal é a festa mais antiga e sempre nova dos cristãos sempre ávidos de todas as suas curiosidades, origens e lendas.

Cânticos, orações, obras de escultura ou pintura representando o Presépio — o quadro mais querido da Cristandade, — ou simples figuras em deliciosos pormenores de Arte; que enlêvo!

Poesia, literatura, história...

Simples documentos ou relatos mais ou menos enfeitados, tradições inconscientes ou manifestações paganizadas, tudo tem o seu interêsse relativo que deve no entanto distinguir-se da essência puramente cristã da festa do Natal.

Não esqueçamos que há muita inocência na ignorância, nem que a confusão da alegria despropositada de certos povos é simplesmente o fruto duma pseudo-civilização mal orientada, que mais necessita da nossa caridade.

Ensinemos os que não sabem discernir as verdadeiras das falsas comemorações do Natal e sobretudo, nós cristãos, não arredemos os passos para transigências indevidas.

O Natal não é nem pode ser diferente em todos os cantos do mundo, se o Natal é sempre Jesus como Jesus evoca sempre o Natal.

Desde que em 1223 o Santo Padre deu a São Francisco de Assis plena aprovação para reconstituir o Presépio em Greccio, nunca mais os povos deixaram de se enternecer diante da maravilhosa idéia do maior Poeta da Humanidade penitente. Os artistas reproduziram o quadro segundo os mais variados critérios, concepções e poder criador. Raros atingiram a pureza e a frescura de *Corregio* quando pintou a "Madona col Bambino". E' sublime. Outros foram grandes. Alguns geniais. Desde a Gruta da Natividade aos nossos dias, quantos passos vencidos e com que felicidade! A França deu o exemplo. O rei Louis era pagão, mas augustiado pelo receio de perder a batalha, invocou o Deus de Clotilde que o fez vitorioso. Baptizou-o o Bispo de Rémi em 496 — pelo Natal. Então o povo gritou *Noël Noël*, dizem uns que abreviando a palavra hebraica *Emmanuel* que é sinónimo de *Deus está connosco*, outros que por corrupção do adjectivo *Natalis* da língua latina. Cem anos mais tarde o imperador Justiniano consagrou Santa Sofia peló Natal de 537. Foi ainda depois que o Monge Agostinho baptisava junto a Contorbéry os primeiros *Anglos*, numa noite de Natal muito fria. *Cristmas* despontava... Mistérios e milagres foram o início da literatura cristã. De muito perto os seguiram iluminuras ingénuas de desenho mas exuberantes de côr. Através dos séculos a arte e a tradição jogaram a vida para dar maior realce às devoções. Presépios portugueses, provençais ou napolitanos, reconstituïções alemãs ou tirolesas, árvores do Natal cheias de velas ou de lâmpadas, enfeitadas para o Menino Jesus nos países latinos, para São Nicolau ou para o Pai Natal nos países nórdicos. Evocações da Idade Média em Berlim na Missa da meia-noite, ou "Reveillon" franceses, opíparos e indiferentes ao jejum e à liturgia, à música religiosa e ao verdadeiro significado do dia. Por entre as luzes e as festas, bailes extemporâneos e comemorações em restaurantes e salões públicos (a que não faltam mesmo sequer as serpentinas de carnaval!) a embelezar as mesas... o Natal não é isso. Chamemos em nosso auxílio a caridade cristã para que a nossa tristeza perante tão mau emprêgo de tempo não pareça censura acintosa. Pensemos e realizemos antes a comemoração portuguesa do Natal que é afinal do mundo inteiro, onde a levaram os nossos missionários espalhados pela Ásia, Africa, América e Oceania. Natal de Jesus, Natal de esmolas aos pobres, sem luxos nem grande barulho. O Natal de devoção íntima e "*de amor ao Salvador*" Natal do povo poeta e dos poetas do povo. Natal de brinquedos modestos e de pobrezinhos vestidos de novo!... Que importa que na América os comboios especiais transportem árvores para o delírio do pretexto pagão das festas impróprias do dia? Que importa que os ingleses comam patos gansos na Ceia do Natal, emquanto os espanhóis e os portugueses cozinham perús? A quem pode interessar especialmente os costumes introduzidos por hereges na festa cristã por excelência? Uma voz soa igual em todas as terras dizendo a mesma verdade eterna a todos os povos: Jesus nasceu (Natalis) e portanto Jesus está connosco (Noël): a voz dos sinos. Sinos do Natal... Sinos de alegria. Sinos de todo o mundo aclamai e proclamai a beleza do Evangelho que nos ensinou a amar Jesus. Cantai!

LUCA DELLA ROBBIA — A MADONA

JOSEFA DE ÓBIDOS — 1676

DOCE COMO MEL O MEL DO PRESÉPIO

Por LUÍS CHAVES

Dôces no Natal

Que movimento o da cozinha na *noite de Natal!* É um coliseu de monta.

Pode ser pouco o açúcar. Não serão muitos os ovos. Ali, espreita-se um fio de azeite. Cheira a limão. Anda canela no ar. Vinho do Pôrto desperta apetites. É isto já o esquema de sobremesa. Além, batem-se claras.

Tachos, caçarolas, frigideiras, tegelas, covilhetes: metais amarelos, ferros esmaltados de côres várias, barros, louças vidradas e coloridas: parecem luzidia parada, todos a postos para o desfile.

O lume espirra. É da canela? Talvez. As labaredas iluminam a cozinha, e faiscam nos esmaltes e nos metais. Ninguém ali se lembra do frio que vai lá por fora.

Começa a faina. Aquela animação, desconcertante, é viva como ensaio orfeónico. Todos se movem, falam, cantam. Quem não há-de lembrar-se de formigueiro com as formigas no contínuo vai-vem? É assim mesmo.

Que significa isto? São os dôces. Pois ainda não percebeste! São os dôces da *Consoada*, as guloseimas festivas do *Natal*, o que vai sair desta colmeia.

Jantar de festa sem dôces é quási como jantar sem comida para quem tem fome, copo sem água para o sequioso, lume sem calor para aquecer o friorento. Pode lá ser! Não há? Arranjam-se. Haver dôces ou não haver dôces eis a questão.

O papá faz anos. Chega o dia de anos da *vóvó*. Vão festejar-se os anos da mãezinha. Ou os do *bébé*. Pois então há-de festejar-se cada um dêsses dias. Dôces para a frente.

Porque não faremos o mesmo no dia de anos do Menino Jesus? E é que fazemos. Se o arroz-dôce, o leite-creme, os bolos de todos os feitios, enfeites e arranjos, na fartura do açúcar e dos ovos, encantam os gulosos, e marcam as festas com o rol de dôces comuns, a *ementa do Natal* aponta especialidades próprias. Agora ou nunca! Pois é.

...e de mel

O doce do presépio é o *mel*. Se os pastores levassem ao Menino e à Mãe a graça dos seus dôces, não era o açúcar que os compunha ao gôsto dos bons apreciado-

res. O *mel,* aromático, dourado, em fio de luz, cai das mãos hábeis das doceiras populares. Ouro líquido!

Por aquelas cestas, colocadas no chão do presépio, podemos adivinhar dôces e bolos pastoris, feitos de mel. Ainda hoje o preceito popular da culinária festiva do Natal impõe *mel.* Para isso, por aí fora, são tradicionais nestes dias, que precedem a festa, as preciosas *«feiras do mel».*

A carência de açúcar não veio surprender as cozinheiras. Já usavam o mel, a que dão agora o especial aprêço de recurso familiar. *«Bolos de mel», «dôces de mel», «broas de mel», fritos* demolhados *em mel,* na sua simpleza e feição rural, trazem-nos à memória os antigos tributos, pagos em cera e mel.

Cartas de fôro, doações, impostos de exploração rural, ou rendas de exercício concelhio, inquirições de riqueza agrícola e de bens de família, notícias de doçaria e de arrumo caseiro, fazem da nossa medievalidade um grande e perfumado bôlo de mel. Tudo é doce como o mel.

Ditados do mel enchem a boca portuguesa do povo. Como êstes: — *«Quem com* **mel** *trata, — sempre se lhe apega». «Homem sem proveito — é o* **mel** *no dedo». «Boca de* **mel,** *— mãos de fel». «Quem de* **mel** *se faz, — as moscas o comem». «Azeite de riba, —* **mel** *do fundo, — vinho do meio». «Água sôbre* **mel** *— sabe mal, — e não faz bem». «Avezou-se a velha ao* **mel,** *— e comer-se quer».*

Avezou-se a velha, avezaram-se as doceiras, que não tinham para adoçar as obras primas a não ser o *mel.* E de tão se avezarem, nunca mais o largaram, nem à fôrça do açúcar, que o suplantou nas cidades e vilas citadinas. Avezou-se a êle o Natal, e não há doce natalista como o do mel.

As *«broínhas de mel»,* em agregado populacional, cosmopolita, como Lisboa, marcam pela persistência a continuidade no uso do mel do Natal, que atingiu aqui fóros de cidade. Copiam-se na forma, imitam-se na feição, defraudam-se-lhes o nome; falta-lhes o mel e só ficam no emprêgo do nome para uso no Natal. São broas do Natal, sem serem «broas de mel», as autênticas, as do Menino Jesus.

A falta do açúcar devia provocar a definitiva reabilitação do *mel.* Porventura êste ano reinará o *mel* como soberano absoluto, sem competência nem rivalidade. Que bela então a sobremesa do Natal com a doçaria de mel!

Um adágio diz: *«Água de Agôsto, — açafrão,* **mel** *e môsto».* Não me lembro se houve água em Agôsto. Nem sei do açafrão. De môsto sabemos todos que muito se transformou em açúcar. *Mel?* Já fiz como a velha e lambi os dedos.

Mel do Natal! Mel do Menino! Mel dos dôces, que festejam o Menino e o seu Natal! Eu te saúdo.

Poderiam comer-se em Lisboa tôdas as espécies de dôces de mel, que a Província vai saborear, como símbolo culinário do Natal. Se o Menino meteu os deditos no mel, que os pastores lhe teriam dado, chupá-lo-ia nêles com delícia.

Natal sem *mel?* Pois o *mel* é o açúcar do Natal. Sente-se que o presépio cheira a *mel.*

...e bôlos, bôlos, docinhos sem mel

Dôces bons sem mel? Sem dúvida. Não amargam, porque são dôces. Falta-lhes qualquer coisa: janela com vidros partidos ou telhado sem telhas.

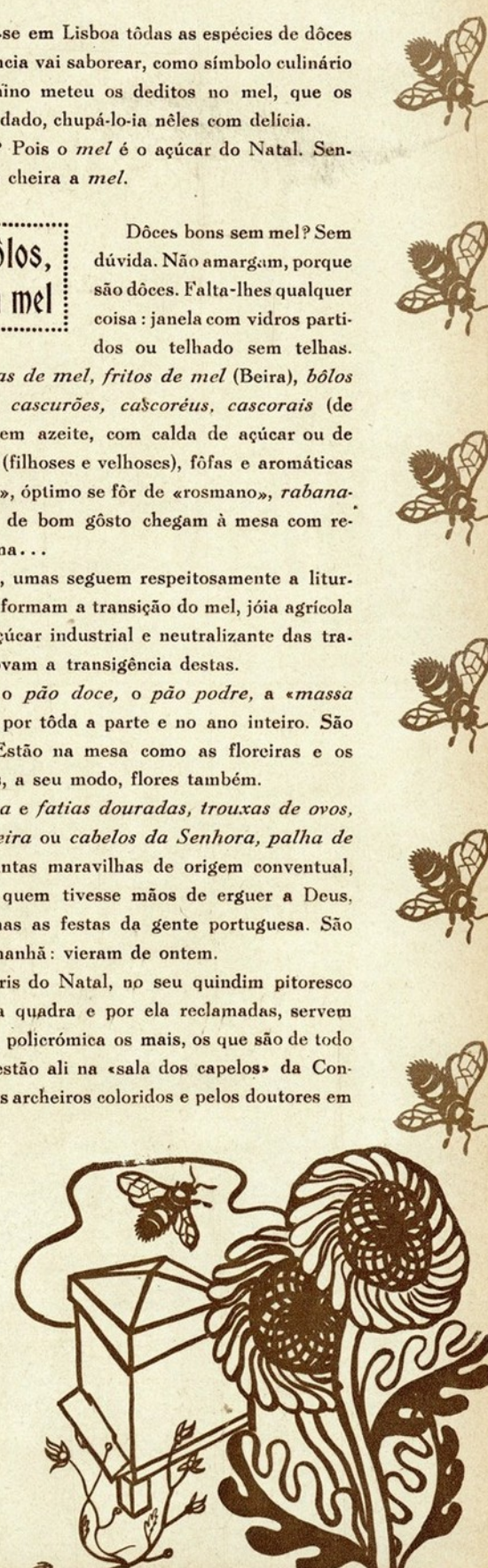
Broas e *broinhas de mel, fritos de mel* (Beira), *bôlos de mel* (Madeira), *cascurões, cascoréus, cascorais* (de massa tenra, frita em azeite, com calda de açúcar ou de mel), *filhós, velhós* (filhoses e velhoses), fôfas e aromáticas do «fiozinho de mel», óptimo se fôr de «rosmano», *rabanadas,* que em terras de bom gôsto chegam à mesa com requintes de obra-prima...

Destas amostras, umas seguem respeitosamente a liturgia do mel. Outras formam a transição do mel, jóia agrícola e pastoril, para o açúcar industrial e neutralizante das tradições doceiras: provam a transigência destas.

O *Pão de ló,* o *pão doce,* o *pão podre,* a *«massa sovada»,* aparecem por tôda a parte e no ano inteiro. São verbos de encher. Estão na mesa como as floreiras e os potes de flores: êles, a seu modo, flores também.

Fatias da China e *fatias douradas, trouxas de ovos, ovos em fio, cabeleira* ou *cabelos da Senhora, palha de Abrantes,* como tantas maravilhas de origem conventual, que só podia criar quem tivesse mãos de erguer a Deus, enchem de guloseimas as festas da gente portuguesa. São para hoje e para amanhã: vieram de ontem.

Aos dôces pastoris do Natal, no seu quindim pitoresco do *mel,* próprios da quadra e por ela reclamadas, servem de guarda de honra policrómica os mais, os que são de todo o ano. Os caloiros estão ali na «sala dos capelos» da Consoada, rodeados pelos archeiros coloridos e pelos doutores em capelo de tôdas as faculdades.

O presépio atravessou a mesa da família reünida, e, como em dia de baptizado os padrinhos lançam confeitos ao rapazio, êle deixou cair os dôces de mel na feira dos gulosos.

Presépios

por Salvador Feyo

FEITA *voz do povo*, a lenda do presépio de São Francisco de Assis chegou até nós, como água que irrompesse límpida de um solo farto e bom. Diz-se que o *Poverello* escolhera a floresta de Greccio para armar a encenação extraordinária entre arvoredo frondoso e virgem, e que obtida a indispensável autorização papal deitara sôbre palha de feno a imagem do Menino-Deus, acolitando-o de São José e da Virgem.

Ao pé desta *invenção* piedosa abeirara o santo um lindo boi e um lindo jumentinho, vivos, cujo bafo quente desenhava, no escuro da noite, pequenas nuvenzinhas que um vento brando envolvia e empurrava, suavemente, para as sombras negras daquele retiro copado por milénios.

As novas desta invenção foram longe e tão longe que ao celebrar-se a missa do Natal, apinhavam-se em redor do improvisado altar gentes das mais distantes paragens da Itália. E o milagre, mais um dos muitos da vida de São Francisco, fez-se à vista de todo aquele povo: a imagem de Jesus Menino, em glória, rutilante de luz, saíra do berço e elevara-se no espaço. Braços estendidos para o pobresinho de Assis, o Menino-Deus fôra ao encontro do santo, afagara-lhe a fronte ampla e brilhante, e sorrindo sempre, beijara-lhe, carinhosamente, o rosto iluminado...

A beleza desta criação plástica e poética não tem limites. Narrada pela primeira vez nos textos originais de Tomás de Celémaco e São Boaventura, foi referida por gerações sucessivas, que amputando-lhe algum pormenor ou acrescentando-lhe algumas vezes um ponto, a repetiram até os nossos dias, confiadamente.

Invenção celebrada por tudo o que a determinou e tudo o que lhe deu glória, ficou para a posteridade como modêlo da amorável lição de Humildade, que a Igreja ensina.

A História da Civilização dá conta de interpretações plásticas dêste culto, desde o alvorecer do século IV; para cá do século XIII ninguém ignora que os povos das nações católicas fizeram por copiar a lapa de Greccio, se bem que passassem a dispor essas cópias no interior das basílicas e outras igrejas, e nas capelas das casas grandes, assim como nas casas mais modestas.

Armadas em qualquer pequeno quarto de casa pobre, mesmo aí, recordavam sempre a invenção de São Francisco, que iluminou na Úmbria, durante muito tempo, como um grande incêndio, a luz do próprio dia.

O progresso da indústria cerâmica deu ao sagrado culto grande incremento.

PRESÉPIO DE MARIA LUISA FRAGOSO E DO ESCULTOR JOÃO FRAGOSO

PRESÉPIO PORTUGUÊS (ESCULTURA DO MINIATURISTA FRANCISCO ELIAS)

PRESÉPIO DO MARQUÊS DE BELAS — MACHADO DE CASTRO E COLABORADORES (Museu das Janelas Verdes)

Portugal foi terra de lindos presépios e Lisboa teve-os de fama, como os da Madre de Deus, São Vicente, Desagravo, Sacramento, Sé, Estrêla, os dos Marqueses de Borba e de Belas e muitos outros. Alguns dêstes presépios, na sua totalidade ou em parte, pertencem actualmente ao Museu das Janelas Verdes em cujas salas estão expostos alguns pormenores daquele primeiro, e do dos Marqueses de Belas. A's mãos privilegiadas de António Ferreira, Machado de Castro, Faustino Rodrigues, Laborão e outros, se devem os afamados presépios de Lisboa, que Lisboa tanto amou. São do século XVIII e atestam sem reservas o apogeu a que chegou entre nós a prática da devoção e a prática dos barristas portugueses.

A escultura moderna tem contribuído de algum modo para sustentar, lá fora, a tradição piedosa. Charlier e François Band são nomes de real grandeza, que uma notícia, embora ligeira como esta, não pode deixar de citar.

Em Portugal o panorama é diferente. Nas últimas décadas não se fez um único presépio encomendado para igreja ou capela de casa grande. E não faltam igrejas que os não tenham e os não mereçam, nem faltam escultores de boa vontade que os saibam inventar. Com mágua todos temos de reconhecer que êste têma singelo e eloqüente, que é o culto do Menino-Deus deitado sôbre as palhas de uma arribana, não tem recebido de nós todos, sem excepções, aquela protecção ou aqueles cuidados com que o protegeu e dêle cuidou, devotadamente, a população lisboeta do século XVIII.

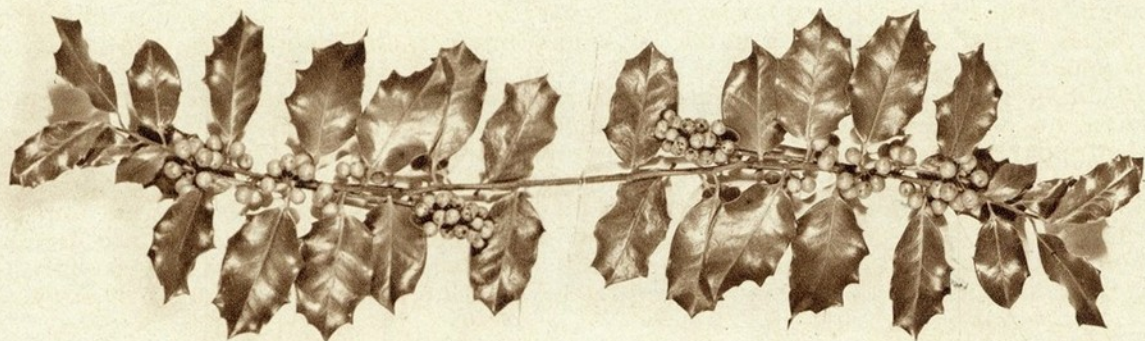
Para completo conhecimento da evolução dos presépios, leia-se:

Diogo de Macedo. — Em redor dos presépios portugueses. — Artigos na revista «Ocidente».

Luís Chaves. — Os barristas portugueses. — Artigo no boletim da Mocidade Portuguesa Feminina.

Matos Sequeira. — Barristas Portugueses, (catálogo).

PRESÉPIO DA MADRE DE DEUS — ANTÓNIO FERREIRA (Museu das Janelas Verdes)

CONTO DO NATAL

ERA uma vez. Ainda no tempo dos velhos comboios de silvo agudo e grossa fumarada, como nos desenhos de Caran D'Ache e nas fábulas do Walt Disney. Não havia corredores; as chaves mais importantes estavam entregues ao Chefe de Estação (além da campainha e da bandeira: velhas insignias que o tempo levou). A América ainda não descobrira a Europa. O isolacionismo comodista do passageiro não estava tão aperfeiçoado como hoje: o ruído, a trepidação, a proximidade dos logares obrigava a conversa. Nunca se conversou tanto como nos comboios, nos tais comboios — a não ser nas diligências. Andavam estremadas as classes sociais: o regatão, o caixeiro viajante e o desembargador marcavam as respectivas posições na 3.ª, na 2.ª, na 1.ª: sem verticalidade e com certo paralelismo.

Era uma vez. Ainda no tempo daquêles comboios, etc., como ia dizendo.

Conversava-se. Como só naquêles comboios, ou nas diligências. A arte encantadora de conversar, perdida desde o seculo XVIII, como esquecida a arte de escrever cartas. Conversa animada, de palavras e gestos. Gestos a sublinhar os efeitos.

A contracenar: a orquestra vibrante dos metais entrechocadas, dos travões manuais — Westinghouse era ainda uma palavra desconhecida, e o vácuo... era apenas o vácuo — a orquestra clangorante dos apitos, das placas giratórias, dos rodados sem *bogies*, mas especialmente os apitos da máquina a pedir travão ao guarda-freio, a lembrar-lhe o final da descida, a avisar da chegada à estação, a preparar o tunel, ou simplesmente a alegrar a paisagem e a atroar os ares, a mera alegria de viver nêsse tempo também apanágio das próprias locomotivas, quási humanas na sua pequenês e pouca fôrça.

Assim aquecida, acompanhada a orquestra, com panos de fundo também, e perante a ausência de passado mùtuamente conhecido da maioria dos interlocutores — excepto nas linhas gerais «da Casa de tal», «da Família de tal», «da Politica de tal» — a conversa desenrolava-se como a mais bela das peças de teatro, teatro vivido, de representação única, teatro da vida, teatro natural.

(Quem assistiu a teatro dêsse nunca mais poude admirar o outro, o das tábuas...).

Era uma vez.

Precisamente o Desembargador contara, recheada de àpartes pitorescos e de coloridas notas rústicas, uma anedota de aldeia. O Militar relatara um episódio trágico-burlesco de uma demanda testamentária.

O Banqueiro e o Politico mantiveram, espaço de duas estações distantes, acesa discussão ao redor do Papado de Avinhão.

Já se divagara pela vida universitária coimbrã, aflorando os «outros tempos» e a «mocidade de hoje».

E veio à balha o Natal — se eram principios de Dezembro, entardecer doirado e cobre por tôdas as manchas d'água daquele Minho verdejante sob os cortinados de folhas ainda sarapintadas de Outono.

O Natal.

O Banqueiro dissertou sôbre o Natal do Norte da Europa — o verdadeiro Natal, dizia: neve, caminha-se de lampião na mão para a Missa do Galo no campanário da aldeia, e as estrêlas, como as dos Reis Magos...

(O Banqueiro era viajado, profundo conhecedor das Exposições de Paris onde não faltava sequer o *transsiberiano* em perfeita reconstituição ao natural...).

Todos concordaram que a neve, mas ao menos o frio, a boa da geada que limpa o vinho branco — e é tão indispensável às rabanadas e ao vinho quente, aos bolinhos de gerimu, a tôda aquela culinária portuguesa que o próprio Garrett tão saudoso evocou na Londres ajanotada — sim, que o frio era indispensável à Festa do Natal.

Anoitecera. Bruchuleava a lâmpada de petróleo, acendida por um facho misterioso, do teto, ao passar-se em Camp nhã.

Há muito se haviam apagado os écos das «*requeifas, pão dôce*» da vendedeira de Ermezinde, e ainda vibravam os timpanos do estridulo griteiro da Cega da Trofa.

Bruchuleava a luz, em lampejos amarelados, quentes, e dansavam sombras, meias sombras, meia luz — claro-escuro.

A conversa, o vozear, a boa disposição, o ambiente cálido, social, deram a certa altura aqueles segundos largos, pausados, de silêncio que mais parece uma continuação subterrânea da conversa, como certos rios que não param de correr à mêsma cadência e desaparecem sob um môrro para de novo correr mais além.

E ouviu-se então a voz do Africanista.

Aquêle de-certo poucos natais tinha tido, coitado — pensámos todos. Figura simpática e querida da nossa Provincia, todos conheciam a história daquêle paisano que nas Guerras da Ocupação ganhara, por feitos militares, a Tôrre e Espada em campanha. Grande caçador, por lá ficara, vindo à casa paterna — velho solar debruçado sôbre as águas de um dos mais lindos rios do Norte — lá de longe a longe, matar saudades, intervaladas por muitos anos, às vezes.

— «Em África, é claro...» — ainda começou o Militar, e todos mostraram concordar através os sorrisos amáveis de deferência. «Em África, é claro...»

— «Quando para lá fui a primeira vez»...

Todos se aconchegaram mais sob as mantas xadrezadas; ajeitaram-se melhor os pés no grande botijão de lata: tinhamos história, história de África, história e das boas.

Lá fora anoiteceu por completo. As seis vidraças espelhavam molemente, baças e amarelentas, à luz mortiça do boião central, os recortes de uns e outros, deformando tudo muito levemente, muito convenientemente, muito palidamente. A máquina resfolgava na subida, e o seu arfar descompassado sentia-se próximo, acompanhava-nos como lamento cadenceado, familiar, de moinho, berço, lagar, espadela...

O Africanista continuou.

... «mais por uma questão de prestígio, de classe, de dignidade social, de tradição especialmente: resolvi, à fôrça, a martelo, consoar logo no primeiro Natal a passar no mato, sòzinho, é claro...

Dois castiçais de prata, um rectângulo de linho — eu mesmo fiz a mistura do vinho quente — só o bacalhau foi sem troços (mais tarde consegui melhorar tudo isso).

Por mera questão de princípios, devo afirmar-lhes.

De resto, faltava tudo: o ambiente, a minha velha casa de Serralves, a família — se eu estava sòzinho, com uns pretos, distante uma boa quinzena do branco mais próximo!»

O combóio desceu até Nine num final de ensurdecer: os metais friccionando-se, rangendo, chiando, uivando, estrídulos e agudos, até ao momento máximo da paragem completa de tôda a composição.

Griteiro de mulheres e o «*Nine! Demora cinco minutos! Quem vai para Braga muda de combóio!*» — vozear largo, marujar da vaga humana, berros isolados, perdidos.

Abriu-se a portinhola e de novo se fechou com estrondo. Não saiu ninguém. Ninguém entrou que também não caberia.

...«aquela tarde, como lhes dizia, no acampamento. Era o primeiro Natal longe da família, distante de casa — no mato. O calor sufocava. Os mosquitos andavam ferozes. Fim de tarde sombria de trovoada. Sentei me sòzinho ao meu triste e solitário jantar de véspera de Natal. Cheiro d'África. Vinho quente a 38° à sombra — pensarão.

Pois também eu pensava.

Mas, coisa estranha, inexplicável, à medida que ia ceando...»

Não poude ouvir mais nada: o combóio entrava, a silvar, nas agulhas de S. Bento, a actual estaçãozita em Midões, crismada, que então servia como ainda hoje serve a minha Quinta dos Pombais.

Tirei da curva rêde as maletas e os embrulhos — e precipitei-me no negrume álgido da desabrigada estação, mal alumiada pelos seus dois lampeões de parede, a petróleo.

Lá estava o meu velho Bento, caseiro e factote, de suissas grisalhas e sorriso aberto de orelha a orelha — braços abertos para receber «o seu Menino».

....

....

Passados tempos — meses, mesmo muitos meses, tenho a certeza — novo encontro no caminho de ferro. Entre os passageiros do «correio da noite» de Lisboa seguia o Banqueiro.

Não é só o ambiente, mas há de facto uma mentalidade, uma disposição, uma consciência de *viagem de caminho de ferro*, excepto, é claro, para os que se habituam de tal modo a freqüentar os combóios que a perdem — tal qual a psicologia do espectador e a do actor de teatro.

Por tal razão, mal nos tornámos a encontrar, o Banqueiro e eu, logo nos ocorreu a aventura, para mim interrompida, do Africanista.

...«lembro-me muito bem, ora se me lembro!» — retomou o meu novo companheiro de jornada.

«Ora se lembro!»

E bem refastelado no encosto bordado da carruagem, foi comentando:

— «Então o nosso amigo não nos quiz convencer, a todos nós» — e levantando o tom, pastoso e enfatuado tom de pessoa habituada a não lhe faltar nada, e portanto a ter sempre razão — «a nós, enfim, que diabo, meu amigo, pessoas viajadas, cultas, lidas, que já não acreditamos em contos da caròchinha — não nos queria êle convencer que lá no meio do sertão, só porque bebeu vinho quente com mel, alumiado por dois velhos castiçais de prata armoriados, se lhe varrera da frente todo aquele ambiente de pretalhada, de capim, de pântanos fétidos e negros mal cheirosos, aquela mosquitaria brava — enfim, todo aquêle clima cafreal, e repentinamente, como por varinha mágica, começara a sentir-se rodeado de tôda a eufonia, de tôda a suave atmosfera da sua velha casa minhota em noite de Natal? Palavra que até falou do cheiro a maçãs camoesas e a velhos armários, cheiro de forna a quente e lenha de oliveira ardendo — sei lá o que mais! E que o milagre se dava todos os natais! Um pândego, aquêle nosso parceiro Africanista!»

Felizmente que os banqueiros pouco percebem de milagres, de ideal, de espírito, de tudo que não seja a cifra, as cifras...

E aquêle especial Banqueiro também ignorava por completo, estou em crê-lo, a existência da Mãe do Africanista, a mais santa fidalga de Entre-Douro e Minho, santa de pôr no altar, cujo entêrro levou a acompanhá-la a pobreza de dez freguezias em redor.

Ora eu não sou banqueiro, não percebo nada de cifra, muito menos de cifras — mas confesso que acreditei e acredito ainda hoje, piamente, naquela história de Natal, contada no combóio do Minho, certa noite de entradas de Dezembro, e de que eu fui o único dos companheiros de jornada a não ouvir por completo.

E acredito bem como tivesse acontecido. Estou mesmo a ouvi-la:

«...naquela primeira noite de Natal no sertão, quando, por uma questão de princípios e de dignidade, abancava à ceia de consoada, de repente, inexplicàvelmente, senti»...

CONDE D'AURORA

PRESÉPIO PORTUGUÊS

TODOS os anos pelo Natal a família de Guida reüne-se para festejar a maior festa cristã, o nascimento de Jesus, que veio ao mundo salvar a humanidade, humilhando-se ao ponto de, sendo Deus, tomar a forma humana e dar a Sua divina vida pelos homens.

Desde o casamento de D. Elena, que D. Maria Vasconcelos e o tio Jacinto costumavam vir passar o Natal a Lisboa, para consoarem juntos à moda do Minho, e todos os costumes tradicionais eram mantidos nesse dia com grande satisfação de todos e aprazimento do senhor Albuquerque, que como tradicionalista que é, aprecia ver os seus filhos seguirem os velhos costumes nacionais.

E naquela casa da Estrêla fez-se sempre a consoada e nunca entrou o costume estrangeiro do "Réveillon", feito por hotéis e Casinos, com que a sociedade desnacionalizada e paganizada festeja o Santo Natal.

Mas êste ano D. Maria de Vasconcelos não estava em estado de fazer a viagem, uma bronquite que a teve de cama uma parte do mês de Novembro deixou-a muito enfraquecida, e o tio Jacinto escreveu a dizer "que não deixava a irmã e que os dois velhotes, passariam sós o Natal„.

Foi um desgôsto geral; D. Elena ficou muito apreensiva com o estado da mãe. Guida, muito querida da avó, sentiu que o seu Natal ia ser duplamente triste com a ausência daqueles que desde pequenina estremecia e de mais alguém que começava a pezar na sua existência.

Maria Adelaide não se consolava de não ter o tio Jacinto para a levar àqueles grandes passeios que tanto agradavam aos dois. João Manuel também se mostrou muito triste. Perante esta desolação geral, o sr. Albuquerque tomou uma resolução que agradou a todos: iriam êles passar o Natal à quinta com a avó e o tio, a quem deviam tanta ternura e amor. Foi barulhenta a explosão de alegria.

D. Elena começou logo a tratar de agasalhos para as pequenas, com receio elas não estranhassem o clima mais frio do Norte, e dias antes do Natal partiu a família tôda para o Minho.

Maria Adelaide deixou o seu Tareco entregue a Joaninha que prometeu tratá-lo o melhor possível. Ela e Joaninha são grandes amigas e Guida já lhe tem dito: "Parece que vens visitar a Maria Adelaide e não a mim, só te entretens com ela". A boa rapariga sorri e diz sempre: "Sou tão amiga dela também, que não deves estranhar„. E ao ver a aflição da pequena quando o sr. Albuquerque declarou que por quinze dias não ia o gato, ofereceu-se para o levar para sua casa, o que foi aceite pela pequenina que deposita a maior confiança na sua grande amiga.

A chegada à quinta, num dia muito frio mas sêco e que tinha sido de lindo sol, foi o mais alegre possível. O tio Jacinto, que as foi esperar à estrada no carro, nem podia falar de comoção, com a prova de amizade das sobrinhas.

— Então, disse o sr. Albuquerque, o tio não acha natural que sejam os novos a deslocar-se para termos a alegria de festejar em família a maior festa do ano?...

Em casa, D. Maria chorou de felicidade; o seu estado não era mau, o sr. Menezes é que por precaução a não deixara fazer a viagem, e tôdas se sentiam felizes em volta do grande fogão da sala onde ardiam achas de lenha e pinhas da mata da quinta.

Na véspera do dia de Natal amanheceu um lindo dia, mas muito frio. Logo de manhã cedo foram todos à Igreja confessar-se e ouvir Missa. As senhoras no carro com o tio Jacinto, as pequenas a pé com o sr. Albuquerque. O resto do dia passou-se em preparativos da grande festa que realizada em família unia mais todos os corações.

Depois do almôço, o tio Jacinto, o sr. Albuquerque e João Manuel foram armar o Presépio na sala do fundo, aquela que tem o lindo contador hispano-árabe e as altas cadeiras de guadamecim.

Ficou lindo; com caixotes e musgo armaram montanhas, pinheirinhos pequenos e até um lago, de onde saía um repucho, por um simples engenho, que a todos fez rir ao descobri-lo; no alto, a lapinha com o Menino Jesus, Nossa Senhora e S. José. E tão grande e imponente estava, que tomava todo o espaço da porta que dá saída para o terreiro e caminho da capela. Mil figurinhas o animavam.

Na cozinha, as senhoras, ajudadas pelas criadas, preparavam os pratos para a consoada. No Minho a grande festa é na véspera do Natal e o jantar, a que antigamente se chamava ceia, é de abstinência. Tem nele lugar primacial o bacalhau cozido com grelos e batatas e feito em doirados bolinhos; as sobremesas são também clássicas; as rabanadas, as bolas de jerimu, o vinho quente com canela e mel. Pinhões da mata, nozes e castanhas da quinta.

O reboliço era enorme na grande cozinha de pedra, com a sua alta chaminé com o nicho de Santo António, que do alto presidia àquela azáfama e que nunca ouvira tantas gargalhadas. Maria Adelaide quer ajudar todos e não faz senão tolices, a Maria cozinheira até lhe disse: — Tire-se Menininha, que isto é o fim do mundo em letras gordas.

Guida, de avental e muito alegre, encarregou-se das bolinhas de jerimu. O seu Natal é mais alegre do que ela esperava. Ao meio dia o correio trouxera bilhetes postais dos Açôres para tôda a família, cada um tinha recebido o seu, até Maria Adelaide tinha sido contemplada, o da Guida dizia: "Com as boas festas a afirmação de que as saüdades são cada vez maiores„. Luiz.

Estas saüdades que faziam sofrer aquele que o seu coração escolhera, davam-lhe alegria, porque mesmo no mais puro amor há sempre um pouco de egoísmo.

E essas boas-festas, que se estivessem em Lisboa teriam chegado adiantadas, com a vinda para a quinta, chegaram na véspera do Natal, trazendo assim ao coração de Guida uma profunda alegria.

Ás sete e meia começou o jantar com a maior satisfação de todos; e nessa mesa, em que os corações unidos pelos mesmos sentimentos batiam em unísono, não eram esquecidos os que tinham desaparecido dêste mundo, e com saúdes foram lembrados os ausentes.

D. Elena, a quem nada do que dizia respeito aos filhos escapa, sentiu o coração um pouco apertado ao ver que Guida còrava muito, quando João Manuel ergueu o seu copo numa saúde ao seu amigo Luiz; e que João Manuel se mostrou um pouco embaraçado quando Guida fez uma saúde à Luz. E' que os corações das mães temem sempre ver sair do ninho os filhos.

Àquela hora em que esta família de tão portugueses hábi-

PARA DEUS

NA MISSA DO NATAL

Foto ENG.º FERNANDO CARNEIRO MENDES

tos celebrava o seu Natal, em tôda a província do Minho, onde ainda não chegaram hábitos estranjeiros, em tôdas as casas pobres e ricas, as famílias se reuniam para festejar entre si o Natal no estreito círculo familiar.

Depois de jantar foram para as salas onde ardia um bom lume e o Presépio bem iluminado punha bem presente Jesus, que tão esquecido é por tanta gente nas grandes cidades.

Às onze horas, depois de deitada Maria Adelaide e D. Maria ter recolhido ao seu quarto, todos se abafaram e foram para a Igreja, a pé, por uma noite linda de luar, fria e sêca, assistir à Missa da Meia Noite. As criadas adiante, com os lampiões iluminando o caminho, que banhado da branca claridade da lua bem dispensava essa precaução.

No dia seguinte a alegria era ruïdosa; todos tinham posto o sapato na chaminé e o Menino Jesus tinha sido duma generosidade espantosa.

Maria Adelaide encontrou entre muitas coisas a boneca que ambicionava e Guida teve a surprêsa de ver no seu o casaco de malha que na sua passagem pelo Porto tanto a tentara.

Quando acabavam de almoçar alegremente, na grande sala de jantar com os seus altos armários renascença cheios de louças antigas um, e da mais rica e variada colecção de vidros o outro, ouviu-se a buzina dum automóvel, correram à janela, e com grande satisfação viram parar no terreiro o carro do Dr. Menezes, que acompanhado por D. Lucinda, Mário e Alberto vinham dar as boas-festas.

O Dr. Menezes com o seu bom humor costumado contou logo uma anedota que a todos fez rir. D. Lucinda, muito carinhosa com tôdas, mas especialmente com Guida, a todo o momento falava no seu Luiz, fazendo còrar esta. À tarde vieram mais algumas famílias de Viana e o dia passou alegremente, sem que tivessem feito falta os cinemas e outras diversões, com que nas cidades se festejam agora os dias santos.

Todo o céu escurece à minha vista.
A chuva cai num ritmo compassado.
E, para ouvir-lhe o chôro amargurado,
Tudo em volta se aquieta e se contrista.

Só lá de quando em quando o vento ousado
Audaz batalhador, estranho artista
Ergue a voz de comando e de conquista
Para gritar seu grito alucinado.

E enquanto o vento geme lá por fora
Num soturno compasso acompanhando
O bailado da chuva sofredora,

Cheias de fé, em frémitos de asa
Vão para Deus em luminoso bando
Almas em fogo, corações em brasa.

DOMITILLA DE CARVALHO

Inédito

A família Albuquerque passou ainda os primeiros dias do ano na quinta, com grande prazer da gente nova que pela primeira vez assistia ao hábito de cantar as Janeiras de casa em casa. Uma noite, estavam todos na sala de estar e começaram a ouvir guitarras e ferrinhos e cantos no portal grande. A gente nova correu a abafar-se e veio para a varanda, João Manuel abriu o portão. Entraram o José Pintassilgo, os dois Castanhos, o Manuel Formiga, o Carangola e muitos outros rapazes da aldeia e começaram tocando e cantando.

Cá estamos como é costume
Para as Janeiras cantar
Sai de ao pé do lume
Vinde ouvir nosso saüdar

Viva o senhor Albuquerque
Com saúde e alegria
E mai-la a sua patroa
E a senhora D. Maria

O bom do senhor Jacinto
E' muito amigo da gente
Bote lá uma pinguinha
Prò cantor ficar mais quente

Formoso botão de rosa
E' esta menina Guida
Qual o ditoso cravo
Que lhe adornará a vida

Viva a menina Laidinha
E o mano João Manoel
Viva a família da casa
Anos dôces como o mel.

Cada uma destas quadras era sublinhada com gargalhadas por todos, especialmente pelas criadas que tinham acorrido tôdas ao terreiro. O tio Jacinto mandou entrar a rapaziada para a cozinha e mandou servir vinho a todos e as senhoras vieram também trazer os seus donativos e agradecer as boas festas. Os dichotes e a alegria eram enormes. Depois de beberem, saíram todos e já no terreiro cantaram de novo:

Senhores vamos embora
Contentes e obrigados
Cantando por aí fora
Louvor aos Santos Reis Magos.

E lá seguiram caminho abaixo na sua simples alegria. João Manuel, Guida e Laidinha estavam encantados e radiantes; sua mãe sempre lhes descrevera o Natal no Minho, mas era a primeira vez que assistiam a estas manifestações tão simples e simpáticas do nosso bom povo do Minho, guarda fiel das tradições. E foi com as maiores saüdades que se despediram da Avó e do tio quando partiram para Lisboa, levando as mais encantadoras recordações do seu Natal tão português e tão Cristão.

MARIA D'EÇA

Classificação de trabalhos literários apresentados pela M. P. F. no VI salão da Educação Estética

GRUPO B

1.º Prémio — As minhas flôres — *por Maria do Carmo Holbeche Beirão, Centro n.º 3 - Lisboa.*

Pelo seu conjunto de inspiração literária, estilo correcto, graciosamente leve, e decoração da capa e das página, é êste trabalho o que mais inteiramente corresponde aos intuitos que orientam os Salões de Educação Estética.

2.º Prémio — Semana Santa em Singeverga — *por Maria Eugénia de Sá Coutinho, Centro n.º 11 - Pôrto.*

Descrição que basta para revelar um genuino talento literàrio, embora ainda em embrião. Graça e religiosidade. Estilo sintético, plenamente «actual». Capa distinta e de inspirado simbolismo.

3.º Prémio — Album «Amor e Carinho» — *Grupo representado por Beatriz Reis Machado, Centro n.º 11 - Lisboa.*

Prosa de uma infantilidade bem correspondente à idade das autoras, denunciando ótima orientação doutrinária. Versos, não só correctos na sua natural ingenuidade, mas até bem cadenciados. A decoração de tôdas as páginas, a despeito da sua tôsca incerteza de mãos infantis, é graciosamente mimosa, e dá ao trabalho o carácter estético especial mente adequado ao espirito dos Salões.

Menções honrosas — 1.ª — A minha caixa de costura — *por Isabel Maria Cottinelli Telmo, Centro n.º 3 - Lisboa.*

Apólogo muito conceituoso e interessante. Ilustrações notàvelmente expressivas.

2.ª — Oasis — *por Maria Judite Parente da Silva Abranches, Centro n.º 2 - Lisboa.*

Soneto correcto, expressando um patriótico pensamento. Ilustração alegórica, interessante e muitissimo oportuna.

3.ª — Portugal, país das flôres e da saudade — *por Maria de Lourdes Santos Baptista, Centro n.º 10 - Lisboa.*

Comentário sucinto, mas revelando prometedora intuição literária. Bonitas as violetas que ilustram a capa.

(Prémios concedidos pelo Comissariado Nacional.)

As minhas flôres

Eu sou uma jarra sem importância, sou de barro e sou das Caldas. Vestiram-me de verde, da côr do mar, e deram-me quási o feitio de uma figurinha elegante como a da minha dona, quando se veste de saia de balão; como o dela o meu chega ao chão, não tenho pés, como vêm, mas tenho uma cinturinha fininha como a das abelhas, um corpo rolicinho como o

enche de flôres do campo: é o dia da espiga, dia da Ascenção do Senhor. Toda a gente a costuma apanhar, para trazer para casa um raminho que se conserva todo o ano: Espigas de trigo para não faltar o pão, candeio para o azeite, cachinhos de uva para o vinho.

Em Junho afasto-me um pouco para dar lugar a um vasinho muito engraçado com um mangerico redondo, tão redondo, que parece talhado a geito e tão verdinho e cheiroso que dá gôsto e consola, por isso já sei que estamos no mês dos santos, dos santos casamenteiros, das foguieras, dos balões e dos cravos de papel com versos muito engraçados. Neste mês fico posta de lado, mas vingo-me depois em Julho, com cravos de várias côres e qualidades desde o cravo pequenino, mas tão

perfumado, aos lindos cravos sevilhanos, que tanta côr têm e que as espanholas costumam pôr na cabeça quando vão para os toiros; e, para não me doer a minha, (que não tenho, como sabem) com o cheiro destas flôres, a minha dona em Agosto enfeita-me com sécias, mas não é por muitos dias, porque, nesta altura, costumam embrulhar-me muito bem e vou juntamente com os vestidos da minha amiguinha numa mala muito grande a caminho da praia.

Então aí sou um bocadinho desprezada porque lá não há flôres, mas é sempre com gôsto que eu vejo aparecer os tronquinhos carregados de camarinhas, que trazem o cheiro do mar.

Setembro passa e voltamos para Lisboa, e depois... que tristeza, só

por Maria Paula de Azevedo

SINOS DE NATAL

O ambiente estava triste e pesado naquela sala de audiências de Laon, uma pequena vila de França. Era a noite de Natal; e julgava-se um parricidio! Crime tão hediondo e tão raro, que nem havia, na Grécia antiga, castigo previsto para êle...

Juizes, advogados, público, todos esperavam a condenação do criminoso à guilhotina: não poderia haver, com certeza, as mais ligeiras circunstâncias atenuantes.

O célebre advogado LACHAUD, o defensor, falava havia horas seguidas tentando, com o seu enorme talento, achar um facto, uma razão, a favor da sinistra creatura. Via, porém, as expressões duras das fisionomias; e sentia a inutilidade das suas palavras, que não logravam comover os jurados...

Multiplicava as suas frases, desenvolvia a eloqüência; e desempenhava com brilho admirável a sua nobre missão de «DEFENSOR». Em vão, com certeza: o parricida ía, decerto, ser condenado à morte.

Eis que, subitamente, enchendo a sala com os seus tons graves, sonóros, alegres, rompe o forte carrilhão da igreja próxima! Eram os sinos de NATAL, chamando os fieis à Missa da meia noite.

O grande advogado, espírito profundamente cristão, cala-se, comovido...

Abre os braços, largamente, ergue os olhos para o Céu, sorri a uma visão interior, e exclama, numa voz vibrante e sentida:

— Meus Senhores! Nesta noite bemaventurada, neste momento soléne, um DEUS de Amor, um DEUS de perdão, um DEUS de misericórdia, acaba de nascer! É JESUS que do SEU berço vos grita: Piedade! Lembrai-vos que a misericórdia divina é infinita! Não sejais mais inflexiveis no castigo do que DEUS...

A comoção era geral; e a voz quente de Lachaud, essa voz que, tanta vez, ía direita ao coração de quem o ouvia, acompanhada, agora, pelos sons vibrantes dos sinos, tocára de emoção os corações de aquéles homens. O criminoso não foi decapitado. E, nos anos que ainda viveu na prisão, poude arrepender-se do seu nefando crime: alcançando, talvez, o perdão de Aquêle que fôra, pela voz de Lachaud, o seu verdadeiro defensor!

CHÁ DA COSTURA

NATAL! NATAL! NATAL! — gritou Joana, entrando na salinha de Alice.

— Trabalho! Trabalho! Trabalho! — respondeu Clara a rir, emquanto talhava cueiros.

— Eu hoje não trabalho. — retorquiu Joana — São férias e portanto... ripanço nos valha — e Joana estatelou-se na melhor poltrôna.

— E como se hão-de acabar os 100 enxovais da Freguezsia? — perguntou Maria José, cheia de indignação.

— Toma lí, Joana, trata de coser essas camisinhas, anda — disse Clara, a sério, na certeza de ser atendida pela estouvanada Joana.

— Se já sabem que eu sou a ovelha ranhosa do rancho porque me dão trabalho? — resmungou a ovelha ranhosa, encetando logo uma camisinha.

— Sabem uma coisa? — disse Rita — como sou a Secretária da Obra, queria hoje fixar bem (por escrito, até) a melhor maneira de organisar a distribuição, com ordem, sem berratas, sem injustiças...

— Sem berratas não é possivel; digo-lhes já — respondeu Alice.

— Na Freguezia das minhas primas já se fez a distribuição do Natal; se vissem o que por lá foi, meninas! — observou Joana, cosendo com actividade.

— Conta, Joana — pediu Clara.

— O mulherio todo acumulado à porta empurrando, gritando, chamando nomes!

— Pois isso mesmo é que eu quero evitar — tornou Rita — e, podendo ser, sem meter a polícia.

— Querem crêr que a minha prima Luiza, coitada, até chorou?! — disse Joana.

— Vamos assentar bem no que se há-de fazer — continuou Rita, instalando-se à mesa com papel e pena — diz o que te parece, Maria José, tu que tão bem sabes organisar.

— É simples — respondeu Maria José — Antes de mais nada, fazer a lista dos candidatos classificando-os em 2 grupos e numerando os nomes — **até** *aos seis mêses e* **acima** *dos seis mêses.*

— Já tenho essa lista — declarou Rita, contente.

— Bem — continuou Maria José — Escuso de te lembrar que na lista figuram também as moradas e os nomes das mãis. Agora tratar de comprar cartolina de 2 côres bem diferentes uma da outra (azul e encarnado, por exemplo); e cortar umas senhas com os nomes das crianças (Numeradas). *Essas senhas é que deves dar às mãis uns dias* **antes** *da distribuição.*

Os numeros, é claro. coincidem com os da lista, também numerada.

— O peor é na ocasião da distribuição: tudo grita, chora, empurra... — observou Alice.

— Nada disso — continuou Maria José — As que gritam e empurram são, em geral, as que não teem senha*: ora essas nem lá entram nesse dia, se se organisar bem.*

Depois, marca-se às mãis qual é o sítio só das senhas azues, e o sítio só das senhas encarnadas: uma de nós distribue o que é da lista azul, outra o que é da lista encarnada. E, batendo as palmas com fôrça, pede-se o silêncio absoluto! Eu consigo, quási sempre, que as mulheres se calem e vão contentes, coitadas! — concluiu Maria José.

— Deus te oiça! — disse Rita, esperançada.

NATAL 1943

ALVORADA!

Desperta! É manhã. Já o sol desponta. Se tu soubesses o valor que tem um dia, esta parcela pequena da tua vida! Com um dia se pode ganhar o Céu... com um dia se pode perdê-lo... Desperta! É manhã. Já o sol vai a subir... Sacode o sono, a preguiça! Escuta! Não ouves passos pelos caminhos? É a faina do dia que começa. Tens deveres, obrigações à tua espera. Mas o Senhor, quando destinou a tua tarefa diária, fez-te também um largo quinhão de alegria. Mas não esqueças que a alegria é recompensa do trabalho. Se fugires ao trabalho, renuncias à alegria. Começa o teu dia com coragem e esperança! Escuta! É manhã. Tôda a natureza acorda para a vida. Não ouves os galos, muezins da alvorada, a chamarem por ti? Não ouves os pássaros a cantarem «Laudes»? E os sinos a tocarem a Avé Maria? Ajoelha e reza! Olha! É manhã. A luz restitue a tudo a beleza que a noite lhe roubou. O céu está azul e côr de rosa — as tuas côres preferidas. O sol derrama oiro por tôda a parte. A alegria baila nas fôlhas das árvores. No ar puríssimo o vôo das aves deixa cintilações luminosas. Olha! E verás um frémito de vida a percorrer a terra inteira e a Providência de Deus debruçada sôbre todas as suas criaturas. Desperta! E' manhã! Escuta...

COCCINELLE